

A intergeracionalidade da violência na vida de mulheres agredidas por seus parceiros íntimos

The intergenerationality of violence in the lives of women assaulted by their intimate partners

La intergeneracionalidad de la violencia en la vida de las mujeres agredidas por sus parejas íntimas

Paula dos Santos Pereira¹, Marcelo Medeiros¹, Walterlânia Silva Santos².

RESUMO

Objetivo: Compreender a intergeracionalidade do comportamento violento na vida de mulheres vítimas de violência por seus parceiros íntimos. **Métodos:** Pesquisa Social Estratégica de abordagem qualitativa, realizada com 10 mulheres adultas usuárias dos serviços de saúde pública de um município do Estado de Goiás. Os dados foram coletados através de entrevista semiestruturada, após transcritas foram analisadas pela técnica de análise de conteúdo modalidade temática. **Resultados:** Emergiram duas categorias: "O contexto familiar da infância" e "A intergeracionalidade do comportamento violento". **Conclusão:** A violência está presente na vida dessas mulheres desde sua infância, tendo significativo impacto nos seus repertórios comportamentais atualmente. Observa-se tal influência em suas relações afetivas e, conseqüentemente, impactando a vida de seus filhos, caracterizando a intergeracionalidade do comportamento violento. Importante fator na perpetuação da violência contra mulher, devendo ser considerado ao se avaliar casos de violência intrafamiliar, inclusive no processo assistencial em saúde e enfermagem à mulher vítima de violência.

Palavras-chave: Violência contra a mulher, Violência doméstica, Relação entre gerações.

ABSTRACT

Objective: To understand the intergenerationality of violent behavior in the lives of women victims of violence by their intimate partners. **Methods:** Strategic Social Research with a qualitative approach, carried out with 10 adult women using public health services in a municipality in the State of Goiás. The data were collected through semi-structured interviews, after transcribed, they were analyzed using the thematic modality content analysis technique. **Results:** Two categories emerged: "The family context of childhood" and "The intergenerationality of violent behavior". **Conclusion:** Violence has been present in the lives of these women since childhood, having a significant impact on their behavioral repertoires today. Such influence is observed in their affective relationships and, consequently, impacting the lives of their children, characterizing the intergenerationality of violent behavior. This is an important factor in the perpetuation of violence against women, which should be considered when assessing cases of intrafamily violence, including in the health and nursing care process for women who are victims of violence.

Keywords: Violence against women, Domestic violence, Intergenerational relations.

¹ Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia - GO.

² Universidade de Brasília (UnB), Brasília - DF.

RESUMEN

Objetivo: Comprender la intergeneracionalidad de las conductas violentas en la vida de mujeres víctimas de violencia por parte de sus compañeros íntimos. **Métodos:** Investigación Social Estratégica con abordaje cualitativo, realizada con 10 mujeres adultas usuarias de servicios públicos de salud en un municipio del Estado de Goiás. Los datos fueron recolectados a través de entrevistas semiestructuradas, luego de transcritas, fueron analizadas utilizando la técnica de análisis de contenido modalidad temática. **Resultados:** Emergieron dos categorías: “El contexto familiar de la infancia” y “La intergeneracionalidad de las conductas violentas”. **Conclusión:** La violencia ha estado presente en la vida de estas mujeres desde la infancia, teniendo hoy un impacto significativo en sus repertorios conductuales. Tal influencia se observa en sus relaciones afectivas y, consecuentemente, impactando en la vida de sus hijos, caracterizando la intergeneracionalidad del comportamiento violentas. Un factor importante en la perpetuación de la violencia contra las mujeres, que debe ser considerado en la evaluación de los casos de violencia intrafamiliar, incluso en el proceso de atención de salud y enfermería a la mujer víctima de violencia.

Palabras clave: Violencia contra la mujer, Violencia doméstica, Relaciones intergeneracionales.

INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher é um fenômeno que atinge diferentes classes sociais, origens, regiões, estados civis, escolaridade e raças/etnias, podendo ocorrer desde a infância até a senilidade no âmbito do trabalho, nas dimensões religiosas, culturais e/ou comunitárias (HAYES BE, et al., 2021; RUEL C, et al., 2020). Ademais, trata-se de complexo problema de saúde pública, diante de suas consequências físicas e psicológicas, que interferem na qualidade de vida do indivíduo e família (BRASIL, 2016; ROLLERO C, et al., 2021).

Dentre as agressões cometidas contra as mulheres, uma das principais é a chamada Violência entre Parceiros Íntimos (VPI), que neste estudo, consiste de todo e qualquer comportamento de violência cometida em qualquer relação íntima de afeto (PAIXÃO GPN, et al., 2015; SILVA LEL e OLIVEIRA MLC, 2015). A VPI atinge cerca de 36% das mulheres, sendo a forma mais prevalente e epidêmica de violência contra a mulher (BARROS EN, et al., 2016; WU Y, et al., 2020).

As consequências da VPI acertam o sistema familiar, incluindo filhos, que podem se tornar indivíduos agressivos ou passivos diante da violência, comprometendo sua vida adulta (BERCKMOES LH, et al., 2017; MCFARLANE J, et al., 2017; PAIXÃO GPN, et al., 2015). A influência da VPI na vida dos filhos pode ser compreendida por meio da perspectiva da transmissão intergeracional da violência, a qual está fundamentada na teoria da aprendizagem social (BANDURA A, 2001).

A partir deste pressuposto, compreende-se que as relações entre os genitores e/ou cuidadores e seus filhos são um processo significativo na formação de repertórios comportamentais que são estabelecidos nas relações ao longo da vida, caracterizando a Transmissão Intergeracional do Comportamento, ou seja, a intergeracionalidade (COMODO CN, et al., 2017).

Estudos evidenciaram que a prática da violência pode aumentar em 96%, em casos cuja mãe do agressor tenha sido agredida pelo companheiro (BERCKMOES LH, et al., 2017; BORGES JL e DELL'AGLIO DD, 2020; LOURENÇO LM e COSTA DP, 2020; PAIXÃO GPN, et al., 2015). E mulheres cujas mães foram agredidas possuem 92% mais chance de sofrer violência (BERCKMOES LH, et al., 2017; BORGES JL e DELL'AGLIO DD, 2020; PAIXÃO GPN, et al., 2015).

Tomando como base o pressuposto da intergeracionalidade do comportamento violento, mulheres que presenciaram algum tipo de violência entre seus pais na infância, podem ser mais suscetíveis de se inserir em relações conjugais de violência (COE JL, et al., 2020; ERTEN B e KESKIN P, 2020). Assim, a convivência com a VPI se apresenta como um fator de risco, visto que evidências empíricas mostraram que a dinâmica experienciada por uma geração pode ser recriada na próxima, levando à perpetuação do comportamento violento (PAIXÃO GPN, et al., 2015; WAGNER J, et al., 2019).

A intergeracionalidade ou Transmissão Intergeracional (TI) é foco de pesquisa na Europa e Estados Unidos (BOWERS ME e YEHUDA R, 2016; COMODO CN, et al., 2017; MCFARLANE J, et al., 2017; VILLAS BOAS AC e DESSEN MA, 2019). Esse tema se expande a outras disciplinas, como, Psicologia e Sociologia, para compreender atitudes e formas de agir persistentes em determinadas culturas e ambientes sociais (COMODO CN, et al., 2017). No Brasil, as pesquisas sobre TI de comportamentos ainda são incipientes e focam na transmissão de violência conjugal, práticas parentais, comportamento moral e transtornos alimentares (COMODO CN, et al., 2017; PAIXÃO GPN, et al., 2015).

A violência pode, também, romper vínculos e perspectivas, além de gerar sofrimento físico e mental. Esses efeitos dificultam um ciclo de vida saudável (BORGES JL e DELL'AGLIO DD, 2020; LOURENÇO LM e COSTA DP, 2020; PAIXÃO GPN, et al., 2015).

Com vistas a oferecer subsídios à discussão sobre a violência e sua trajetória histórica na vida das mulheres, foi estabelecido o objetivo de compreender a intergeracionalidade do comportamento violento na vida de mulheres vítimas de violência por seus parceiros íntimos.

MÉTODOS

Estudo de abordagem qualitativa, orientado pela Pesquisa Social Estratégica, pois se orienta para problemas sociais, não prevendo soluções práticas imediatas para o problema, porém, lançando luz para elaboração de perspectivas de soluções (MINAYO MCS, et al., 2016).

Esta investigação foi realizada em município de médio porte, localizado do Estado do Goiás, com pessoas acompanhadas no ambulatório de psicologia do Programa de Prevenção às Violências e Promoção da Saúde (PVPS).

Participaram da pesquisa mulheres vítimas de VIP, com idade entre 19 a 59 anos, mães biológicas ou não, e que estivessem participando do atendimento no PVPS.

Primeiramente, aplicaram-se os critérios acima para levantamento do cadastramento e se identificou 25 mulheres. A partir disso, iniciaram-se os contatos telefônicos, nove números não existiam, quatro não puderam ou não aceitaram participar, e duas não compareceram para entrevista.

A coleta de dados, entre os meses de fevereiro a abril de 2016, foi realizada por meio de entrevista norteada pelas seguintes questões: “Como era sua relação familiar na infância/adolescência?” e “Como é(era) o seu relacionamento conjugal/familiar?” As entrevistas gravadas tiveram duração média de 35 minutos foram transcritas integralmente. A saturação das ideias das participantes foi alcançada na décima entrevista. Os dados foram submetidos à técnica de análise de conteúdo, modalidade temática (BARDIN L, 2011).

Ao final desse processo analítico emergiram duas categorias: contexto familiar da infância e intergeracionalidade do comportamento violento. As mesmas foram ilustradas por trechos dos relatos das participantes, codificados pela letra P (participante) seguida do numeral arábico (P1, P2...P10).

O presente estudo foi aprovado por Comitê de Ética com o número de parecer 1.338.850 e as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

RESULTADOS

A média de idade das participantes foi de 33,1 anos, variando entre 28 e 44 anos. A maioria delas possui ensino médio completo e apenas uma, ensino superior completo. Sobre o estado civil, quatro se declararam casadas, quatro solteiras, uma divorciada e uma em união estável. A renda mensal de cinco participantes foi de até um salário-mínimo, as demais relataram entre um e três salários-mínimos (BRASIL, 2015).

Em relação ao número de filhos, quatro delas possuíam apenas um filho, as demais tinham de dois a quatro filhos. Quatro delas moravam com os filhos e parceiros, as demais moravam com os filhos e outros familiares.

Tais dados nos permitem caracterizar a amostra estudada, não sendo intuito de correlacioná-los aos discursos estudados, visto que a VIP não está associada somente às características sociodemográficas, mas também, associado ao gênero.

Assim, a ênfase deste estudo se centra nas categorias empíricas, sendo que em “contexto familiar da infância” se agrupou os relatos das entrevistadas sobre a disfuncionalidade familiar na infância e adolescência. As mães das participantes foram vítimas de agressões por parte de seus parceiros. Ilustrado pelos trechos a seguir:

“Ele era violento demais, chegou a bater na minha mãe, pegava faca, pegava as nossas comidas, qualquer coisa que a gente estava comendo ele pegava e jogava” (P2).

“Pela minha mãe não tinha briga não, mas da dele era só xingação, quebrava as coisas... batia nela e nós víamos” (P7).

“Já vi muita coisa errada. Essa educação tinha que ser dada quando eu era pequena. Já é tarde” (P10).

Na categoria “intergeracionalidade do comportamento violento” se compilou os trechos das entrevistas referentes à violência presente na vida atual das participantes e a percepção de que as agressões são semelhantes às que suas mães viviam. Assim como, o reconhecimento de que seus filhos possuem comportamentos agressivos, sendo estes reflexos da vivência da violência que presenciaram na família. Os discursos abaixo exemplificam esse aspecto:

“Ele (filho) está ignorante também, pequenininho ele já grita comigo, já é agressivo” (P1).

“Logo no começo, quando ela (filha) era pequenininha, ele me agredia e eu acabava descontando nela. Eu estava tomando raiva dela” (P3).

“Reflete neles, pq o M fala que qdo ele crescer ele vai comprar uma arma e matar meu ex. O outro é muito nervoso, ele avança na minha mãe, responde, muito nervoso, e eu não gosto que bate” (P10).

Assim, violência esteve presente em diferentes momentos da mesma família, sendo transmitida de uma geração para outra, o que caracteriza a intergeracionalidade do comportamento violento, conforme representado na **Figura 1**:

Figura 1 - Fluxo da transmissão intergeracionalidade do comportamento violento.



Fonte: Pereira PS, et al., 2021

DISCUSSÃO

A caracterização das participantes nos permite reconhecer alguns fatores comuns dessas mulheres com outras que vivenciaram situações semelhantes. A violência de gênero permeia diferentes estratos populacionais, no entanto, constatou-se que desemprego e nível socioeconômico baixo podem tornar algumas mulheres mais suscetíveis a violações dos seus direitos. Por isso, fatores socioeconômicos são determinantes sociais que vulnerabilizam qualquer indivíduo a situações de violência, não sendo exclusivo às mulheres (HAYES BE, et al., 2021; WU Y, et al., 2020).

As mães das participantes deste estudo também foram vítimas de agressões por parte de seus parceiros. Assim, todas entrevistadas presenciaram violência entre seus cuidadores, caracterizando o ambiente familiar da primeira infância dessas mulheres como conturbado e estressante.

Isso aponta para fatores significativos que influenciam na formação do sujeito, como a vivência em ambientes familiares violentos, principalmente durante a infância, interferindo direta e indiretamente na formação de um repertório comportamental inadequado, podendo comprometer o desenvolvimento pessoal, agindo nas escolhas e no modo de vida, até a fase adulta.

Esse processo observado se alinha ao pressuposto da Transmissão Intergeracional do Comportamento, pois retratam de forma significativa que as relações entre os genitores e seus filhos são responsáveis pela formação de comportamentos similares entre todos, como por exemplo, a manutenção da violência nesse meio familiar (COMODO CN, et al., 2017).

Na infância tem modelos de vivências experienciadas, desde as atitudes diárias empreendidas por seus genitores, assim como a forma como os indivíduos se relacionam, os comportamentos afetivos demonstrados e outras ações do cotidiano de uma família. O processo de aprendizagem dessas atuações pode produzir a repetição dos mesmos, gerando padrões comportamentais análogos, conseqüentemente suscitando a transmissão intergeracional dessas atitudes, como agressões, valores morais e condutas delituosas (COMODO CN, et al., 2017; SANTINI PM e WILLIAMS LCA, 2016).

A construção de base comportamental ocorre por meio da aprendizagem, um fenômeno complexo e constante na vida do indivíduo, conforme Teoria de Aprendizagem Social de Bandura A (2001). Baseados neste pressuposto a violência é um comportamento como qualquer outro, sendo adquirido pelo indivíduo por meio do processo de aprendizagem, e este pode ocorrer de diversas formas, sendo a principal e mais significativa a observação (BANDURA A, 2001).

O aprendizado ocorre como resultado direto das experiências, bem como das observações dos outros (BANDURA A, 2001). Somente observar uma situação e suas conseqüências já aciona o processo de aprendizagem, e isto é facilitado quando o evento desperta sua atenção, ou seja, eventos impactantes que ocorrem com frequência tendem a ser reproduzidos por aqueles que os observam (BANDURA A, 2001).

Espera-se que espaço das famílias seja de proteção de seus membros, porém nem sempre isso ocorre, e a família pode ser um local de manifestação da violência, em que as relações se tornam caóticas, confusas e desorganizadas (COE JL, et al., 2020; MOHAUPT H, et al, 2021). Esses ambientes familiares negativos também são locais de aprendizado, por meio do condicionamento, com a execução da ação seguida de uma conseqüência ou, indiretamente, quando esse processo ocorre pela observação de ações e o indivíduo ao repetir o comportamento observado também sofre uma conseqüência que causará a manutenção ou não daquela atitude (BANDURA A, 2001).

Nessa convivência constante em ambiente conturbado, com a violência de gênero presente, comportamentos agressivos poderão ser apreendidos e reproduzidos pelas figuras masculinas e comportamentos de submissão pelas figuras femininas, visto que além das atitudes, os valores intrínsecos a essas atitudes, como o machismo, também serão aprendidos, reforçando os estigmas sociais designados para os gêneros masculino e feminino.

Essas experiências tornam-se fonte de aprendizado que acarretarão a repetição desses padrões comportamentais na vida dos que convivem, fortalecendo o modelo social do patriarcado, com a

sustentação da ideologia predominante do homem como detentor do poder e a mulher sua subordinada. Neste cenário, podemos tomar como base o pressuposto da TI para compreender a manutenção de padrões comportamentais violentos contra mulheres e dos padrões de submissão dessa população diante das agressões sofridas, trazendo luz à manutenção da cultura machista e patriarcal em nossa sociedade (VILLAS BOAS AC e DESSEN MA, 2019; WAGNER J, et al., 2019).

Os relatos das participantes apontaram que o ambiente familiar era subsidiado por valores associados ao machismo, reforçando o papel da mulher de submissão e aceitação do poder do homem, e reforçado por meio de ações sexistas, como humilhação da figura feminina, desprezo pelas atividades realizadas pelas mulheres. Consequentemente, foi estabelecido, por meio do processo de aprendizagem, um repertório comportamental de aceitação da violência, influenciando na forma como essas mulheres agem em suas relações atuais com seus parceiros e a maneira como elas acreditaram ser uma relação conjugal, inclusive entremeando suas orientações aos seus filhos.

A vivência de eventos violentos desde a infância pode levar à compreensão de que a violência em relações íntimas é aceitável, sendo a violência uma maneira de resolver problemas, além de enfatizar o papel de submissão do feminino perante o masculino. Esta vivência torna a violência algo banalizada nas relações, ocasionando o aprendizado de que a desigualdade de gênero é fato dentro da família e nas relações, o que transfere comportamentos sexistas (LATECKA E, 2019).

Observa-se que a dimensão e a amplitude da violência na vida de uma mulher podem estar arraigadas a uma história de constante sofrimento. As consequências dessa violência se estendem a todos a sua volta, podendo transpassar gerações, tornando-se enraizada em meio familiar e social.

Desse modo, os ambientes violentos são palco de aprendizado de comportamentos inadequados e, a ausência de outros modelos de relações positivas, somado a uma cultura social em que se propaga e aceita a violência de gênero, dificulta a construção de repertórios saudáveis para o enfrentamento de situações futuras, com a manutenção de padrões comportamentais indevidos.

Ademais, os padrões comportamentais expostos por essas mulheres em seus relacionamentos afetivos demonstraram que a ausência do modelo adequado para a resolução de problemas, de enfrentamento das agressões e de autovalorização, o que contribuiu para que muitas delas não se reconhecessem como pessoas de direitos, combinado ao desconhecimento de leis e redes assistenciais que poderiam auxiliá-las diante dessas vivências.

Isso influenciou suas vidas notadamente, direcionando a compreender nos discursos dessas mulheres de não reconhecerem outras formas de se relacionar, referindo não identificarem as possibilidades e formas para mudar essas situações. São mulheres que aprenderam desde a puerícia que as relações conjugais têm violência como arquétipo, e se relacionar de forma diferente é algo que desconhecem.

Esta compreensão se fortalece ao observar que essas mulheres viram seus principais modelos femininos, mãe, irmãs e avós, serem agredidos e muitas vezes sem rede de apoio social para orientar que aquela vivência é ilegal. Dessa forma, elas não se sentiram protegidas pela sociedade, algumas vezes se percebendo como marcadas ou predestinadas para viver daquele modo, comprometendo suas expectativas e as mantendo inertes às violências sofridas.

Os relatos do presente estudo confirmaram tal perspectiva, visto que as participantes demonstraram que não experimentaram em sua história de vida relações alicerçadas no respeito e cumplicidade, além de relatarem a falta de apoio social diante das violências vividas, o que contribuiu para assumirem comportamentos de passividade e submissão.

O contexto de violência vivido por essas mulheres já traz efeitos nas relações que as mesmas possuem com seus filhos, as atitudes que possuem diante de violências sofridas e a forma como incorporaram discursos violentos são reproduzidos cotidianamente sendo aprendido pelos seus filhos. Enfatiza-se mais uma vez o pressuposto da transmissão intergeracional da violência nessas famílias, em que os padrões comportamentais vão sendo aprendidos e mantidos em diferentes gerações.

A **Figura 1** ilustra como ocorre o fenômeno da intergeracionalidade, partindo do princípio de que o ser humano é um indivíduo social, com interação constante com seu meio, sendo a família, o modelo apresentado pelos seus cuidadores (SANTINI PM e WILLIAMS LCA, 2016; TRACY M, et al., 2018).

Observa-se que há uma tendência de reprodução de comportamentos, e a violência, desde discursos de ódio até as agressões físicas, também são aprendidas pelas crianças como uma forma de interação entre as pessoas, tornando essas atitudes naturalizadas. A aquisição desse modelo aumenta a probabilidade de repetição desse comportamento em suas relações (COMODO CN, et al., 2017; MOHAUPT H, et al, 2021; SANTINI PM e WILLIAMS LCA, 2016; TRACY M, et al., 2018).

Nesse ambiente é que a criança, em geral, se desenvolve, tendo suas necessidades atendidas, ainda que não em sua totalidade, e aprendendo sobre princípios, conhecimentos e valores essenciais para a sua vida em sociedade (SANTINI PM e WILLIAMS LCA, 2016).

Nos casos de VPI, os filhos podem aprender comportamentos agressivos e passivos, além de valores associados às relações homem-mulher, como o machismo (MOHAUPT H, et al, 2021). Esse processo de aprendizagem de comportamentos associados à violência está ocorrendo com os filhos das participantes assim como ocorreu com elas, o que caracteriza a intergeracionalidade, ou seja, diferentes gerações com padrões comportamentais similares resultantes do processo de aprendizagem (COMODO CN, et al., 2017; ERTEN B e KESKIN P, 2020; PAIXÃO GPN, et al., 2015).

Tal fato foi observado quando as participantes reconheceram que seus filhos já apresentavam comportamentos agressivos. Há a percepção de que, assim como elas, seus filhos presenciavam a violência e já demonstravam sofrimento, prejuízos e comportamentos inadequados causados por esta vivência (HAYES BE, et al., 2021).

Um fator agravante nestas situações é o fato de que mães expostas a violência tendem a promover afeto negativo com seus filhos, proporcionando um ambiente disfuncional que acarretará consequências, como a formação de um indivíduo agressor ou passivo diante de situações aversivas (COE JL, et al., 2020; TRACY M, et al., 2018).

Observou-se que a violência percorreu um itinerário nas histórias dessas famílias. Neste estudo, constataram-se três gerações vivenciando agressões e repetindo tal comportamento. Percebeu-se que a violência contra a mulher ultrapassa o campo relacional homem-mulher, atingindo o contexto de vivência desses indivíduos, pois a relação íntima afetiva é, também, modelo para os que convivem com ela, sendo exemplo para aqueles que observam e vivenciam esta relação.

Diante disso, percebemos a importância da intervenção nestes casos, visto que, como o comportamento violento é aprendido, o comportamento não violento também o pode ser. Modelos de relações positivas, com exposição de afeto e segurança também são aprendidos por meio da observação (COMODO CN, et al., 2017; TRACY M, et al., 2018). Proporcionar essas maneiras positivas de se relacionar para as famílias poderá interromper o ciclo de violência, e os cuidadores emitirão comportamentos de proteção, que também influenciarão por toda a vida do sujeito e pode interromper o processo de formação dos comportamentos violentos (TRACY M, et al., 2018).

Vale frisar, que a repercussão do ressignificado de relações familiares para essas pessoas pode ter alcance na sociedade, pois apesar do foco ser nas vítimas de parceiros íntimos, o pensamento violento nutrido pela questão de gênero circunda as relações no trabalho, no trânsito, e outros cenários do cotidiano, e geram custos diretos e indiretos no setor saúde, desde o tratamento de saúde mental, como no atendimento de pessoas vítimas de tentativas de homicídio. Por isso, que por ser uma questão complexa, as autoridades precisam desenvolver ações intersetoriais em prol da promoção da saúde comunitária, com foco no (re)estabelecimento de autoestima e empoderamento.

O presente estudo limitou-se a investigar a mulher vítima de violência considerando apenas a sua percepção a partir de seus pais e as consequências aos seus filhos, não investigando um contexto histórico ampliado, ou em um tempo maior de observação. Além disso, deve-se também investigar a vida pregressa

do agressor, afinal ele também participou de processos de aprendizagem que o influenciaram e repercutem em seus comportamentos atuais. Tais limitações do estudo podem se tornar futuras investigações a fim de se compreender de maneira ampliada e por diversas perspectivas a intergeracionalidade da violência.

CONCLUSÃO

A vivência da violência intrafamiliar por mulheres é um fator de risco para a perpetuação deste fenômeno em suas vidas. A convivência com as agressões contribuiu para a inserção em relações violentas, assim como aceitação dessas agressões, sugerindo a internalização de repertório comportamental inadequado. Se o contexto de formação de um indivíduo é embasado em relações violentas, há tendência de que essa pessoa aprenda essas atitudes, que poderão rerepresentadas para suas futuras relações. Dessa forma, combater essa violência é também prevenir agravos e consequências que perdurarão por gerações. Essa repercussão reflete o quão impactante é a VIP no âmbito familiar. Dessa maneira, o presente estudo poderá contribuir para compreensão diferenciada sobre a VIP, visto que trabalhamos com o processo de aprendizagem e perduração do comportamento violento na vida das vítimas, focando em como a violência pode ser transmitida e consequências deste processo. As intervenções intersetoriais (saúde, educação, assistência social e segurança) preventivas diante da VIP devem ser no sentido de fortalecer possibilidades de respostas profícuas na vida dos indivíduos envolvidos, e contribuindo para a interrupção da transmissão deste comportamento, construindo gerações com valores positivos.

REFERÊNCIAS

1. BANDURA A. Social Cognitive Theory: An Agentic Perspective. *Annu Rev Psychol*, 2001; 52(1): 1-26.
2. BARDIN L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2011; 229p.
3. BARROS EN, et al. Prevalência e fatores associados à violência por parceiro íntimo em mulheres de uma comunidade em Recife/Pernambuco, Brasil. *Cien Saude Colet.*, 2016; 21(2): 591-598.
4. BERCKMOES LH, et al. Intergenerational transmission of violence and resilience in conflict-affected Burundi: a qualitative study of why some children thrive despite duress. *Glob Ment Health (Camb)*, 2017; 4: e26.
5. BORGES JL, DELL'AGLIO DD. Esquemas iniciais desadaptativos como mediadores entre os maus tratos na infância e a violência no namoro na adolescência. *Cien Saude Colet.*, 2020; 25(8): 3119-3130.
6. BOWERS ME, YEHUDA R. Intergenerational Transmission of Stress in Humans. *Neuropsychopharmacology*, 2016; 41(1): 232-244.
7. BRASIL. Decreto no 8.618, de 29 de dezembro de 2015. Dispõe sobre o valor do salário mínimo e a sua política de valorização de longo prazo. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/decreto/d8618.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%208.618%2C%20DE%2029,de%20valoriza%C3%A7%C3%A3o%20de%20longo%20prazo.&text=A%20PRESIDENTA%20DA%20REP%C3%9ABLICA%20%2C%20no,que%20lhe%20confere%20o%20art. Acessado em: 30 de agosto de 2017.
8. BRASIL. Protocolos da Atenção Básica: Saúde das Mulheres. Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa. 2016. Disponível em: https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/protocolos_atencao_basica_saude_mulheres.pdf. Acessado em: 25 de julho de 2017.
9. COE JL, et al. Household Chaos Moderates Indirect Pathways Involving Domestic Violence, Parenting Practices, and Behavior Problems among Preschool Children. *J Fam Violence*, 2020; 35(5): 405-416.
10. COMODO CN, et al. Intergeneracionalidade das Habilidades Sociais entre Pais e Filhos Adolescentes. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 2017; 33(0).
11. ERTEN B, KESKIN P. Breaking the Cycle? Education and the Intergenerational Transmission of Violence. *Rev Econ Stat.*, 2020; 102(2): 252-268.
12. HAYES BE, et al. Prevalence of Child Maltreatment and the Effects of the Intergenerational Transmission of Violence on Attitudes towards Domestic Violence in Chinese Police Cadets. *J Fam Violence*, 2021; 36(6): 733-742.
13. LATECKA E. Intergenerational transmission of violence: Is violence a pathology of intersubjective contact? *South African Journal of Philosophy*, 2019; 38(2): 189-202.
14. LOURENÇO LM, COSTA DP. Violência entre Parceiros Íntimos e as Implicações para a Saúde da Mulher. *Rev. Interinst. de Psicol*, 2020; 13(1): 1-18.
15. MCFARLANE J, et al. The Intergenerational Impact of Intimate Partner Violence against Mothers on Child Functioning over four Years. *J Fam Violence*, 2017; 32(7): 645-655.

16. MINAYO MCS, et al. Pesquisa social: teoria método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2016; 96p
17. MOHAUPT H, et al. How Do Memories of Having Been Parented Relate to the Parenting-Experience of Fathers in Treatment for Intimate Partner Violence? A Phenomenological Analysis. *J Fam Violence*, 2021; 36(4): 467-480.
18. PAIXÃO GPN, et al. Women experiencing the intergenerationality of conjugal violence. *Rev Lat Am Enfermagem*, 2015; 23(5): 874–879.
19. ROLLERO C, et al. What is Violence? The Role of Sexism and Social Dominance Orientation in Recognizing Violence Against Women. *J Interpers Violence*, 2021; 36(21–22): NP11349-NP11366.
20. RUEL C, et al. Gender’s Role in Exposure to Interparental Violence, Acceptance of Violence, Self-Efficacy, and Physical Teen Dating Violence Among Quebec Adolescents. *J Interpers Violence*, 2020; 35(15–16): 3079-3101.
21. SANTINI PM, WILLIAMS LCA. Parenting Programs to Prevent Corporal Punishment: A Systematic Review. *Paidéia (Ribeirão Preto): Cadernos de psicologia e educação*, 2016; 26(63): 121-129.
22. SILVA LEL, OLIVEIRA MLC. Violência contra a mulher: revisão sistemática da produção científica nacional no período de 2009 a 2013. *Cien Saude Colet*, 2015; 20(11): 3523-3532.
23. TRACY M, et al. The mitigating effects of maternal social support and paternal involvement on the intergenerational transmission of violence. *Child Abuse Negl*, 2018; 78: 46-59.
24. VILLAS BOAS AC, DESSEN MA. Transmissão intergeracional da violência física contra a criança: um relato de mães. *Psicologia em Estudo*, 2019; 24.
25. WAGNER J, et al. Intergenerational Transmission of Domestic Violence: Practitioners’ Perceptions and Experiences of Working with Adult Victims and Perpetrators in the UK. *Child Abuse Rev.*, 2019; 28(1): 39-51.
26. WU Y, et al. Intimate Partner Violence: A bibliometric review of Literature. *Int J Environ Res Public Health*, 2020; 17(15): 5607.